

5

Dona  
**Selma**  
MINHA HISTÓRIA  
do coco

PARADISKY

INCLUINDO:

*A Rolinha*



*Agradecimentos: Primeiramente a Deus, Zezinho, Jaqueline, Andeza, Gabriela, Safiry, Naita, Thiago, Paulo motorista, Yléinha, Norminha, Mônica Barroso, Teca Carlos e Seu Vlademir (Puncultura), Carlos Freitas (Classic Master/SP), Gina, Flávio Maia e Jefferson Pinto (Fábrica Estúdios/PE), e a todos que contribuíram para que conseguíssemos apresentar a nossa querida Selma com este mimo.*

## cd comemorativo Dona Selma

Direção geral, direção e arranjos musical e vocal e produção executiva: Lígia Verner

Assistência de produção: Naita Eduarda

Gravação e mixagem: Fábrica Estúdios/PE, entre agosto e setembro de 2007

Trilha sonora gravada em: Estúdios/PE

Assistência de gravação: Jefferson Pinto

Engenheiro de som: Flávio Maia/SP

Mantenção de equipamentos: Fábrica Estúdios/PE

Projeto gráfico e layout: Flávio Guilherme de A. Pinto - Design Gráfico Expresso

Assistência de designer: Dhiego Acioli e Naita Eduarda

Fotografias: Julia Carlos

Assistência de fotografia: Fátima Xavier

Assessoria de imprensa: Raquel Thais

Faixa multimídia: Hélio Marrethia e Max Diniz (imagens)

Lígia Verner e Hélio Marrethia (edição)

Contato para Shows:

Lígia Verner

++55 (0) 51 3299 e ou ++55 (0) 51 4680 - [versing@hotmail.com](mailto:versing@hotmail.com)

www.puncultura.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

www.pernambuco.com.br

“Bodas de Ouro com Coco”

# DONA SELMA

## Coco de roda, o elógio da festa

### Nordeste brasileiro

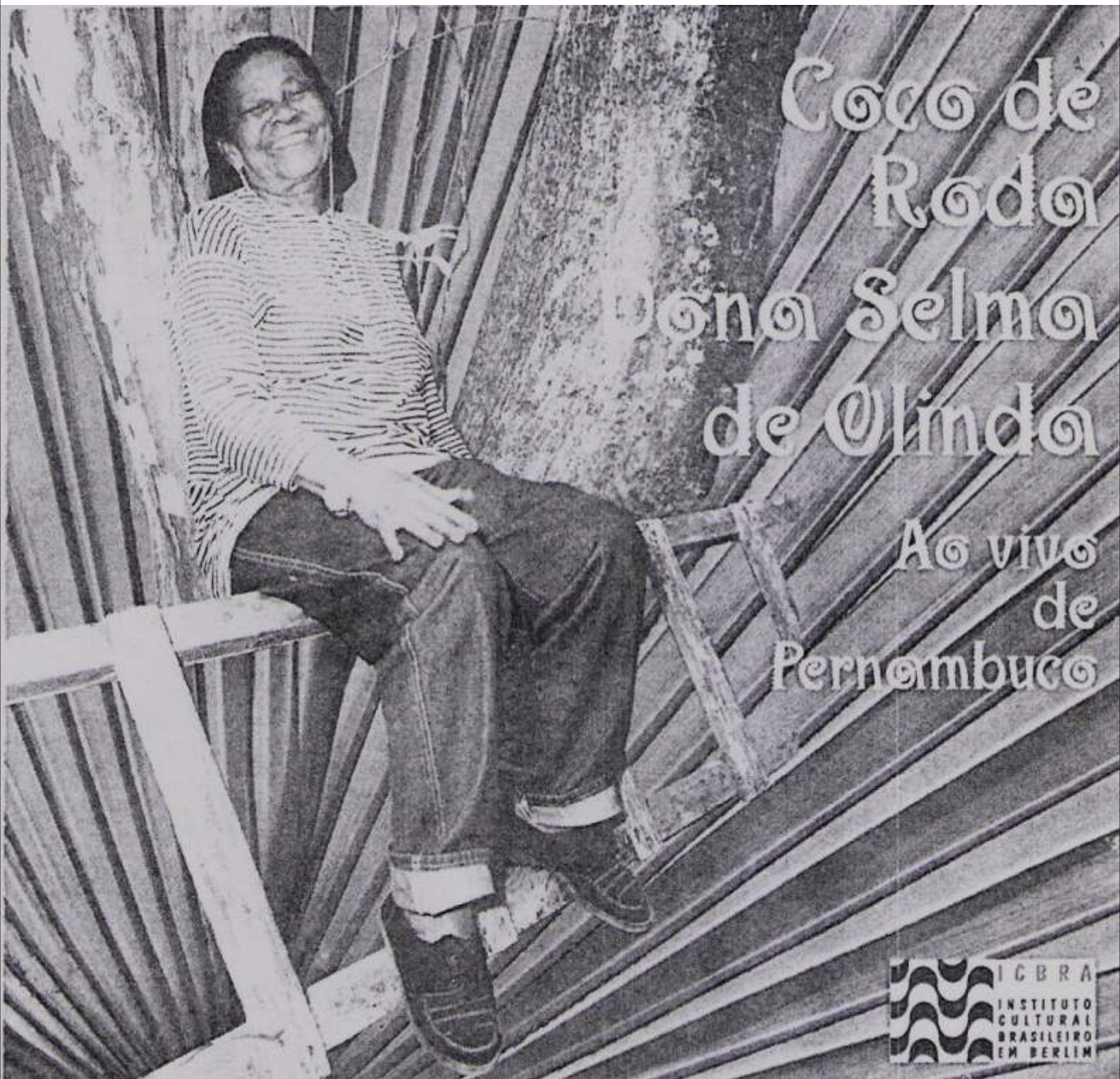


INCLUI  
A ROLINHA

# SCENA DO COCO



Cultura Viva



Coco de Roda  
Dona Selma  
de Olinda

Ao vivo  
 de  
 Pernambuco

ICBRA  
INSTITUTO  
CULTURAL  
BRASILEIRO  
EM BERLIM



*Eu dedico este disco à minha neta Gabriela*



**SEMA DO COGO**  
*Jangadeiro*

**SELMA DO COCO**  
*Jangadeiro*



Dona

# Selma

MINHA HISTÓRIA

do coco

PARADISKY  
more

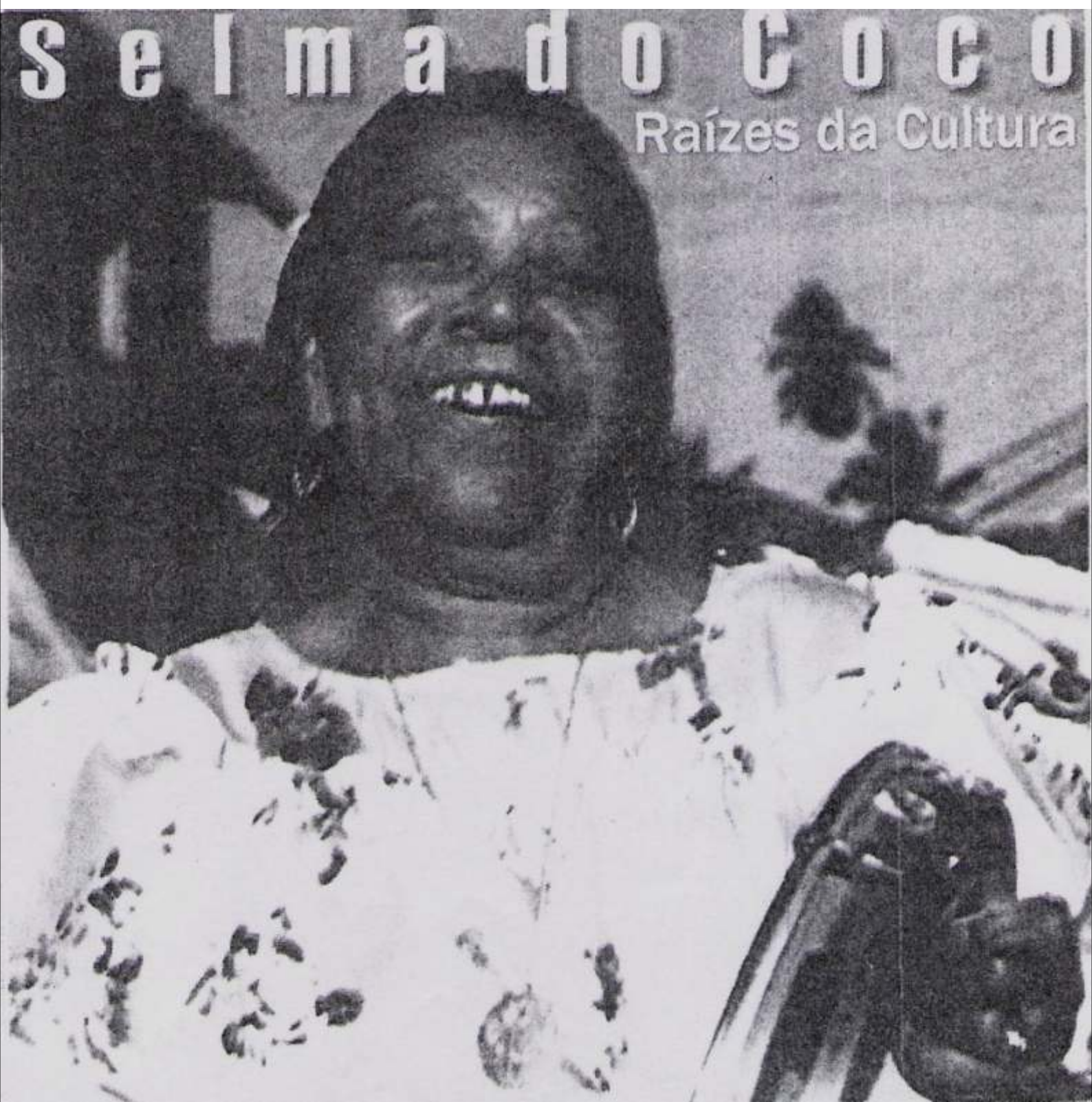


INCLUINDO:

*A Rolinha*

# Seimado Cocco

Raízes da Cultura



**Contato:**

África Produções LTDA  
Rua do Bom Jesus, 137 - 3º andar  
CEP 50030-170 - Recife - PE - Brasil  
Tel. 55 31 81424 8998 / 424 7354  
africa@hotmail.com.br



Fotos  
Mazinho de Olinda  
Criação  
Setor Z - Comunicação & Design  
setorz@truenet.com.br

Não podemos perder tempo  
Nós devemos logo entrar  
Procurar um lugarzinho  
Para a gente se sentar  
Que já andamos bastante  
Tá na hora de parar

Eu com muita calma agora  
Vou com detalhe falar  
Das festas desta cidade  
E folgedos do lugar  
Do alegre carnaval  
Um fato espetacular

Durante o Ciclo Junino  
No Mercado Popular  
O Côco de D. Selma  
Aqui vem se apresentar  
Entre os que aqui existem  
É o melhor do lugar



# Eu, leitora

“Virei estrela aos 62 anos”

**T**anta coisa boa aconteceu comigo nesses últimos tempos... Até parece que agora vivo no céu, mas só Deus sabe o que eu já sofri nessa vida. O maior adiantamento que deu no meu trabalho foi quando me chamaram para cantar num festival que eu nunca tinha ouvido falar, só sabia assim que era um negócio de roqueiro. Mas aí pensei: ‘Se rock faz zoada, coco faz também e pode dar certo’. Na hora da apresentação eu fiquei nervosa, o rock com o coco eu não sabia como seria, só Deus mesmo para arrumar uma coisa dessas. Com o pagode é mais fácil de acertar, mas com o rock? Subi no palco, pedi a Deus misericórdia e mandei bala. O público era o maior para quem já cantei, tinha ali mais de 6 mil pessoas. Eles gostaram tanto que saiu uma porção de reportagem no jornal e na televisão.

Cantei só no domingo, mas fui antes, na sexta e no sábado, assistir o pessoal tocar. Rapaz, era tanto barulho que eu ficava doído lá no meio. Aqueles roqueiros, aquela zoada, vixe Maria! Foi a primeira vez na vida que eu parei para ouvir rock. Aquele pessoal com aquelas tatuagens, brinco em todo lugar, eu achei um dismantelo. Mas foi depois desse festival que a coisa pegou. Tive vários convites para me apresentar, aqui mesmo no Recife, mas também no Festival de Inverno de Garanhuns, num evento chamado Babcl, em São Paulo, e depois na Europa. Foi lá na Alemanha que eu realizei meu maior sonho: gravei meus dois primeiros CDs. Este ano, já tem acerto para a gente ir para a Suíça, o Japão e a França, na época da Copa do



Selma nasceu pobre, no interior de Pernambuco. Casou cedo, perdeu 13 dos 14 filhos e ficou viúva aos 30 anos. Mudou para Olinda atrás de um jeito para sobreviver. Lá, para se divertir, recomeçou a cantar o “coco de roda”, uma mistura de canto e dança do folclore pernambucano. Quando já estava com 62 anos, um convite para participar de um festival de rock mudou sua vida. Ela, que nunca tinha viajado, passou a mostrar sua música até na Europa

Mundo. É só Deus querer que a gente vai longe...

Minha história começa assim: nasci em Vitória de Santo Antão, dia 10 de dezembro de 1935, mas parece que faz mais de cem anos. Meu nome de verdade é Selma Ferreira da Silva, só depois de muito tempo é que deram de me chamar de Dona Selma do Coco. Meus pais trabalhavam na roça e a gente morava na capoeira [*terreno em que a mula virgem foi roçada ou queimada para cultivo da terra*], numa casa de palha sem luz

elétrica. No meu tempo de pequena era tudo iluminado de candeeiro, que na época se chamava coviteiro. Vivi ali até os 10 anos de idade e lá aprendi a cantar coco de roda, acompanhando meus pais e avós. Desde criança eu fazia isso, parece até que já tinha idéia de virar artista. Minha família usava fazer o coco todo ano, sempre na véspera do dia de São João. O coco faz parte das comemorações juninas, mas não tem nada a ver com religião, como o maracatu — é só diversão mesmo. Em todo o Estado

de Pernambuco, principalmente no interior, onde eu morava, São João é muito festejado. Na noite da farra, as pessoas matavam um bode para fazer a buchada e comer só pela manhã. Tinha um ritual também de depois ir tomar banho no rio.

Eu tinha seis irmãos, hoje só três estão vivos. Da família inteira só quem deu para essa história de música fui eu. Quando estava com 10 anos a gente se mudou para o Recife, para morar no Mustardinha, um bairro muito atrasado e pobre. Lá, passamos tantas dificuldades que daí ninguém cantava mais. Foi lá, com 18 anos, que conheci meu marido, dançando numa gafieira — sempre gostei muito de festa, desde cedo. Foi amor à primeira vista e depois de cinco meses a gente se casou. Ele tinha só 21 anos. O primeiro filho nasceu depois de um ano de casado. O segundo foi depois de dez anos, porque eu na verdade tive 14 filhos, mas só esses dois viveram. Era muita necessidade que eu passava, a pobreza faz acontecer isso. Alguns chegaram a nascer mortos, outros morreram logo em seguida. Quando a mãe tem saúde fraca e passa fome, o filho adoce também. Mas quem nasce na pobreza se acostuma com o sofrimento. Meu filho mais velho, quando já tinha 20 anos, teve uma parada cardíaca e morreu também. Coisa do destino. Fiquei só com um filho, o mais novo, o Zezinho, que tem o nome do pai. No final é até sorte minha, porque muito filho hoje em dia está dando é muita dor de cabeça.

Meu marido era motorista de caminhão, tinha seu próprio

# Rá-rá: Selma do Coco está de volta

Ricardo Fernandes

Ivana Moura  
DA EQUIPE DO DIÁRIO

**D**ona Selma do Coco defende que sua música é de coco de umbigada, mas seu quarto CD está inundado por assuntos do mar. *Jangadeiro* tem um bocado de faixa que cita mar, jangada, mar, peixes, mas ela diz que não é coco de praia. Outra característica desse disco são outras músicas que tem como personagem central a própria coquista. Isso já está na primeira faixa *Chamado para Selma do Coco*. A gargalhada debochada, que virou uma espécie de marca da cantora, se faz presente em praticamente todas as músicas. Das 14 composições, pelo menos três já foram gravadas em outros discos.

O maior sucesso de Selma do Coco, a *Rolinha*, vem no novo embrulho, *Rolinha 2* ("eu não posso ver rolinha no mato / que não bote o gato pro gato pegar / eu me enrolo, me deito, me cubro / também faço jeito pra rolinha voar..."). O apelo desta segunda versão é menor do que a primeira, mas pode ser que pegue pro grande público.

Como a maioria das músicas que canta, os cocos saem da cabeça de Selma, em parceria com seu filho José Ferreira. Ela vai tirando as letras e seu filho no pandeiro fazendo a marcação, como uma grande brincadeira. Tudo isso começou quando ela era ainda criança e ficava prestando atenção no trabalho do seu pai, também mestre do coco. Uma das faixas mais instigantes é *Não erre, Cantor, de domínio público* ("... Moça da bochecha gorda / Velha da bochecha inchada / tire o sebo da bochecha / E bote na panelada"). Outra que não é assinada pela dupla é *O Que É Que Selma Tem*, de Calmom.

O que mais chama atenção no trabalho de Selma do Coco é sua energia. É praticamente impossível ficar parado quando ela está no palco. Ela instiga a moçada a dançar, com sua alegria contagiante. Suas músicas são simples, fáceis de cair no gosto no-



Artista lança disco independente, no qual defende o coco de umbigada

pular, com tempero de embolada. Apesar de já ter participado de excursões internacionais, seu padrão de vida mudou muito pouco. Mora numa casa modesta, no bairro do Amparo, em Olinda, na companhia do filho e de netos.

Com 66 anos de idade, ela canta coco há quase 50 anos. Sua projeção começou com os projetos do Maracatu Nação Pernambuco, nos ensaios em Olinda. E ganhou impulso depois de sua participação no projeto Abril Pro Rock, de 98. Foi quando roqueiros, funkeiros e outras tribos tomaram conhecimento do trabalho de Selma.

O disco abre com um convite para entrar na brincadeira, quando o coro anuncia que o povo está chamando por Dona Selma. Ela responde que mora em Olinda e vai cantar coco por lá *Jangadeiro*. em

empresta título ao disco fala balanço do mar. A faixa *Tunhinha*, já foi gravada por ela e traz a preocupação com a infidelidade feminina, com um rasgo de preconceito, mas não é nada sério ("... Mulher safada que bota gaia no homem / Merece morrer de fome / Pra saber homem quem é").

E lá vai ela fazendo homenagem ao Cabo de Santo Agostinho, lembrando que seu sabiá tem o bico dourado, e a mais esquentada *Fazendo Vento* ("... é quatro coisa no mundo que atormenta o cristão: / uma casa gotejante / um cavalo chotão / a mulher ciumenta e o menino chorão"). E Selma continua indo pra Olinda, cantar seus cocos.



## SERVIÇO

*Jangadeiro*, com Selma do Coco  
Quanto: R\$ 15,00, em lojas e  
R\$ 10,00 na casa de Dona  
Selma (Rua Guatálupé, 129,  
Amparo, Olinda)

# Consagrada nos EUA, Selma do Coco chega a SP

Depois de passar pelo Festival Lincoln Center, em Nova York, a cantora pernambucana apresenta-se hoje e amanhã, no Itaú Cultural, e promete shows repletos de 'boa música'

ADRIANA DEL RE

A cantora e compositora pernambucana Selma do Coco, uma das mais célebres tiradoras de coco, desembarca hoje mesmo em São Paulo, vinda dos Estados Unidos, para dois dias de shows no Itaú Cultural e outros dois no Sesc Pompéia. Mas longe de Selma reclamar da correria. "É um cansaço medonho, mas já estou acostumada", disse ela, por telefone, de um hotel em Nova York, onde estava hospedada e aguardava sua apresentação no Festival Lincoln Center, no La Guardia Concert Hall. Neste ano, o festival destaca os ritmos genuinamente brasileiros, em especial, aqueles produzidos no Nordeste. Entre as atrações brasileiras, estão nomes como Mundo Livre, Timbalada, Mestre Ambrósio, Carlinhos Brown e Mestre Salustiano.

Foi a segunda passagem da compositora pelos Estados Unidos. Selma, de 67 anos (ela fala uma idade diferente para cada jornalista), é uma mulher viajada e causou sensação em países, como Alemanha e Bélgica. De volta ao Brasil, promete uma curta temporada no Itaú Cultural, "com muita música boa, até coisas que ainda vou gravar", garante.

A base do show será seu quarto e mais recente CD, *Jangadeiro*. Mas sua imensa alegria de cantar e seus brados 'há há há' darão o tom em outras músicas, como a obrigatória *A Rolinha*, que virou um hit

de carnaval de 1997 e foi gravada até por vários artistas. Haverá outras pérolas folclóricas, escritas por Selma em parceria com seu filho, José Ferreira da Silva, o Zezi-



A alegria de Selma no palco: repertório vai do hit 'A Rolinha' a composições do recente CD 'Jangadeiro'

nho: *Meu Casal de Periquito*, *Pião Teimoso*, *Festa de Igarauçu*, *Pescador*, *Jangadeiro* e *Dá-lhe Manuel*, entre outras.

Em 35 anos de estrada, o trabalho Selma do Coco, a exemplo de outros artistas valiosos, teve reconhecimento tardio. Ela aprendeu o ritmo do coco nas festas de São João, acompanhando os pais.

A carreira, no entanto, teve início quando se mudou de um bairro de periferia do Recife para a Cidade Alta de Olinda. Lá, ela retomou os festejos de coco para chamar a atenção dos clientes, en-

quanto vendia comidas e bebidas em frente de casa. Muito tempo se passou até o Festival Abril pro Rock, realizado no Recife em 1996. Em meio à efervescência do movimento mangue beat, a cantora não fazia parte das grandes atrações do evento. Apresentou-se num palco pequeno e provocou furor na platéia, formada basicamente por adolescentes. A partir daí, a vida e a carreira da cantora não foram mais as mesmas.

Sete anos se passaram e dona Selma não mudou, mas está diferente. Explica-se a contradição. Ela continua a mesma nordestina simples, gentil, bem-humorada e dona de uma fala sem pressa, nascida em Vitória de Santo Antão, nos confins de Pernambuco. Mas está mais famosa e visivelmente

deslumbrada com a projeção dada à sua carreira. Após suas apresentações em São Paulo, Selma do Coco já planeja entrar em estúdio no Recife, para gravar o próximo disco. "As letras já estão prontas, fiz em parceria com meu filho." Descansar, decididamente, está fora de seus planos.

## SERVICO

**Selma do Coco.** Hoje e amanhã, às 19h30. Entrada franca. Os ingressos devem ser retirados a partir das 18 horas. Itaú Cultural. Avenida Paulista, 149, tel. 3268-1776; e terça e quarta, às 20h30. De R\$ 7,50 a 15,00. Choperia do Sesc Pompéia. Rua Clélia, 93, tel. 3871-7700

**EM BREVE  
VAI GRAVAR  
NOVO  
TRABALHO**

CONFERE COM A ORIGINAL

22/08/03  
José Mano Austregesil  
Coordenador do RPU

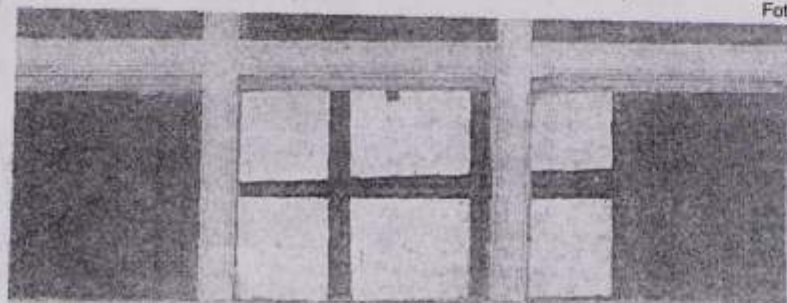
# Símbolos vivos da cultura popular de Pernambuco

**Cláudia Lessa**

*A cultura popular produz seus ícones que, de tempo em tempo, são resgatados pela mídia. Foi assim com Luiz Gonzaga e, mais recentemente, com Jackson do Pandeiro. Nesse ínterim, novos representantes apontam no cenário musical, mostrando uma arte que prima pela simplicidade e autenticidade. Alguns deles*

*conseguem ficar famosos, como é o caso dos pernambucanos Selma do Coco e Mestre Salustiano, reconhecidos como talentos natos em seus ofícios. O tocador de rabeça e a cantora de coco, que se apresentaram na Festa da Lavadeira, realizada recentemente no Pelourinho, aproveitaram a oportunidade para contar ao Folha suas histórias.*

Fotos de Sora Maia



*A nordestina Selma do Coco conquistou o Prêmio Sharp/99 e é respeitada por artistas como Chico Science e Lenine*

ROTEIRO | INÊS  
CUNHA

Lula Cortês  
exibe seu  
talento,  
hoje, no  
palco do  
Teatro  
do Parque

## Lula Cortês e Festival de Cantadores de Praia movimentam este domingo

O compositor, músico, poeta e instrumentista Lula Cortês é uma das atrações deste domingo no Recife. A partir das 21 horas o artista se apresentará no Teatro do Parque com um show que reúne músicas dos seus discos *Satwa* (1972), *Molhado de Suor* (1973), *Paebiru* (1974), *Flaviola e o Bando do e o Banco do Sol* (1976/77), *Nordeste - Cordel, Repente, Cancão, Rosas de Sangue e O Gosto Novo da Vida* (1980), *Bom Shankar Bolenath* (1987/89).

Natural do Recife, Lula Cortês é responsável por pesquisas sonoras que aliam o elemento cultural ao nordestino. Como poeta, tem diversos livros lançados, e como artista plástico, uma imensa produção surrealista em pintura e desenho. Mas as habilidades de Cortês não param por aí. É inventor do tricórdio, instrumento que lembra a sonoridade da citra indiana e autor da peça teatral *Naufragar em Si*, ainda inédita, concebida para um ator, um narrador, orquestra filarmônica, banda heavy-metal, tricórdio e violão. O último trabalho de Cortês no campo visual data de 1989, *Bom Shankar Bolenath*, em parceria com Jarbas Mariz. Trata-se de um disco que segundo o crítico Paulo Klein, possui o perfil de um poema Zen, guarda traços da filosofia Sufi,

peripécias dalinianas e safacezas sertanejas.

A outra grande atração de hoje é a abertura do I Festival de Cantadores de Praia do Nordeste, que ocorrerá a partir das 10 horas da manhã, em frente ao Hotel Jangadeiro. Mauro e Quitéria (a dupla que ficou famosa em todo o País por sua participação num disco dos Titãs), Guariatã do Norte, Roberto Agra, Índia Morena e Joinha, Passarinho do Norte, Gavião da Mata, Azulão e *Selma do Coco* são alguns dos nomes que participarão do evento promovido pela Fundação de Cultura Cidade do Recife.

Trata-se de uma oportunidade do público conhecer o trabalho dos cantadores do litoral nordestino, uma arte popular que vem merecendo a atenção e o prestígio pelo que tem de improvisação, humor, musicalidade e inventividade. Além disso, o Festival assume um caráter modernista, ao incluir na programação, outras atrações que, certamente, atrairão a juventude das praias da Zona Sul da nossa capital.

Eis a programação completa da abertura do Festival: às 10 horas, em frente ao Hotel Jangadeiro, a primeira eliminatória do evento; às 12 horas, ginástica aeróbica com Adriana Pinheiro; às 15 horas, show de lambada com o grupo Alcano e o Balé Retomança; às 16 horas, show com André Rio.

## Música

# Bandas locais também fazem sucesso nos EUA

Vários grupos pernambucanos, de todos os estilos, se apresentaram no Festival Lincoln Center, em Nova Iorque. A Nação Zumbi também arrasa na Europa, onde faz show no outono, embalada pelos elogios da revista Mojo

GERMÃO GUMARÃES/OC IMAGEM



na Selma do Coco participou de festival nova-iorquino



Recife, 11 de agosto de 2003 - Segunda-feira

6 CADERNO C

Não foi só a Europa que teve um gostinho da música pernambucana, pop e de raiz, no seu último verão. O Festival Lincoln Center, um dos mais importantes de Nova Iorque, contou com vários artistas do Estado, durante todo o mês de julho, com nomes como Selma do Coco, DJ Dolores y Orchestra Santa Massa, Vanildo de Pombos e Mundo Livre S/A. Esse último aproveitou a viagem para divulgar o seu novo CD, marcado para chegar às lojas em setembro.

“Por duas vezes, o jornal *The New York Times* deu notícias e críticas positivas para a cena musical pernambucana escritas pelo crítico Ben Ratliff. Todas as cinco noites, o público compareceu. Eles não apenas assistiram sentados às apresentações, como também entraram em transe com o som sinuoso do coco de Selma, do forró de Vanildo, que foi aplaudido de pé, e com a fusão perfeita da

eletrônica com os ritmos dos terreiros por DJ Dolores”, lembrou o produtor Afonso Oliveira, que acompanhou o grupo pela empreitada nos Estados Unidos.

Para Afonso Oliveira, um dos pontos altos da turnê norte-americana foi a performance de Vanildo de Pombos. “Vanildo entrou para história do forró ao pisar no Lincoln Center e fez um show de impressionar. Vanildo estava tão emocionado que perdeu a voz ao chorar. Sem saber falar inglês, bateu na garganta e no peito esquerdo e levantou a plateia para extensos aplausos.”

Quem se deu muito bem no festival do Lincoln Center foi o DJ Dolores y Orchestra Santa Massa. O grupo foi para os Estados Unidos, na esteira de uma viagem pela Europa cheia de sucesso e boa repercussão da mídia. Durante seu show, a vocalista Isuar Franco mandou ver o refrão “A cidade, de Chico Science & Nação Zumbi”.

# ILHA DA BAHIA

O DA BAHIA

Salvador, segunda-feira, 25 de outubro de 1999

## Descendo as ladeiras do Pelô

**Cláudia Lessa**

**D** Pelourinho respirou, anteontem, pura cultura pernucana. No ritmo do maracatu baque solto, do coco, da a, do frevo e do cavalo mofoi realizada a primeira edição da Festa da Lavadeira que acontece anualmente, anos, na Praia do Paiva Do Cruzeiro de São Francisco Terreiro de Jesus, em Jo cortejo, o carnavalesco de Ouro rumou para o Largo de Pedro Archanjo, onde exões populares nordestinas mostrar suas peculiaridades. m de figuras como Mestre tiano e Selma do Coco, os e turistas caíram na danroda.

Festa da Lavadeira, em Salvador, uma realização conjunta Prefeitura do Cabo de Santo Agostinho (PE) e Fundação Cultural do Estado da Bahia - rendeu uma rara oportunidade público conhecer mais de a riqueza da cultura de Pernambuco. Lamentavelmente, com dança súbita do horário, o o teve seu início prejudicada falta de público. Divulgara as 20h, a festa foi antecipada para as 18h (horário de verão), devido à Sabatina Dançada de Fred Dantas, pautada

Apesar desse desacerto, a Festa da Lavadeira transcorreu em clima de muita animação e admiração por parte do público que, na metade da festa (por volta das 20h), já tinha lotado o Largo de Pedro Archanjo. Mestre Salustiano, o primeiro a subir no palco, improvisou versos cantados para a apresentação do Maracatu de Baque Solto Piaba de Ouro, fundado por ele há 22 anos.

O grupo seguiu a tradição de desfilar ao som de instrumentos de percussão, em um andamento acelerado, como se fosse um espiral. Os Caboclos de Lança formavam círculos crescentes, em volta do estandarte, e uma mulher empunhava um bastão que, na extremidade, conduzia uma bonequinha enfeitada, a calunga. "Nunca tinha visto uma coisa tão linda, tão expressiva, de um significado tão forte como este", comentou o turista paulistano Maurício Alencar, 39.

A ciranda de Lia de Itamaracá, 55 anos, foi a atração seguinte. Elegantemente vestida em um longo de seda azul e turbante amarelo-ouro brilhante na cabeça, a artista mostrou como se canta uma boa ciranda-de-roda. Com sua voz poderosa e porte de rainha, ela cantou, entre outras, *Moça namoradeira*, *Minha ciranda não é minha só* e *Eu sou Lia*, faixas do seu recém-lançado CD, *Recirandar*. "Já nasci com o dom de cantar. Desde os 12 anos assumi a ciranda e nunca mais pa-

Muito aplaudida, a extrovertida Selma do Coco chegou para não deixar ninguém parado. "Vamos suar, sambar pra valer. Vamos fazer uma grande roda!", conclamou, às gargalhadas. Vigorosa e vaidosa, a cantora de 64 anos foi o ponto alto da Festa da Lavadeira. Cantou coisas como *Vou pra Olinda*, *Minha rolinha* e *Morena bonita*, além de *Minha história*, fazendo questão de dizer ao público que, com esta última, ganhou o Prêmio Sharp/99. "Quero ver quentural", pedia a Rainha do Coco que, numa rápida e contagiante apresentação, prometeu voltar à Bahia para "um show completo".

Outro que encantou foi o faqueiro Mestre Salustiano, 53 anos. Rabequista dos bons, o cantor e músico chamou a atenção pela variedade de ritmos que tirou do instrumento de cordas. Fosse em clima de ciranda, cavalo marinho (variante do bumba-meu-boi), frevo, coco ou forró pé-de-serra, a platéia caiu na dança. No final, a Orquestra de Frevos, no palco, e os dançarinos do Piaba de Ouro, misturados ao público, promoveram uma animada folia carnavalesca, num compasso rítmico que vem lá de Pernambuco.



*Selma do Coco: destaque da Festa da Lavadeira, que teve sua primeira versão na Bahia*

# Concerto em Pernambuco reúne artistas da terra

## O festival tem o objetivo de resgatar os ritmos locais

Pernambuco é dono de um dos maiores acervos de manifestações culturais, principalmente na música, de todo o Brasil. Muito ainda vem sendo criado. E, com o intuito de resgatar os ritmos locais, bem como apresentar o que existe de novo, a Prefeitura da Cidade do Recife, junto com o Ministério da Cultura, desenvolveu o evento *Pernambuco em Concerto*.

Sendo uma projeto multimídia, envolveu a gravação de um CD, um vídeo e a criação de um festival, com duração de dois dias. Foi idealizado como uma iniciativa, visando dar respaldo ao artistas locais, que desse aos grupos uma estrutura de trabalho e permitisse ao público pernambucano conhecer as transformações e inovações no cenário musical local.

A primeira etapa já foi concluída. O CD *Pernambuco em Concerto* está nas ruas e já precisou o tempo de quase um ano



Divulgação

♦ Selma do Coco será uma das atrações do evento

para a criação, e apenas três semanas para as gravações. Treze artistas participam do trabalho, começando com grupos tradicionais, como o Maracatu Estrela Brilhante, Selma do Coco e Tribo Fulni-ô, passando pelos grupos jovens, como Zabumba de Virgulino, o Batuque e O Chão e Chinelo, terminando numa

fusão com o rock, funk e rap.

Mantendo a mesma direção do sucesso conseguido pelo CD, o projeto dá início à segunda etapa do *Pernambuco em Concerto*. Nos dias 15 e 16 de janeiro, o Armazém 13 será o palco para as bandas que participaram do repertório do disco e lançarem seus sucessos.

Na primeira noite se apre-

sentarão os grupos mais ligados à cultura popular. Serão shows: Selma do Coco, O Chinelo, Tribo Fulni-ô, Maracatu Estrela Brilhante, Batuque e Zabumba de Virgulino. No dia 16, sobem ao palco, criando uma mistura de ritmos locais com bandas Mira Negra, Via Capitão Severo, General Fúria, Inham Jam e Severo Atômicos.

Durante as apresentações acontece a terceira fase do evento. A TV Viva vai estar transmitindo, em todos os ângulos, imagens para a produção de um vídeo *Pernambuco em Concerto*.

### SERVIÇO

Data: 15 e 16 de janeiro

Início dos shows: 22h

Ingresso: 1kg de Alimentos

CAPA

# EM TOM NORDESTINO

Artistas tradicionais do Nordeste e jovens se juntam no 'São João no Tom Brasil'

A tradição e a inovação da música nordestina se encontram para homenagear São João em uma grande festa. O show *São João no Tom Brasil* reúne, de hoje a domingo, nomes 'antigos' como Banda de Pifanos de Caruaru, Oswaldinho do Acordeon, Selma do Coco e Trio Nordestino, e "novos" como Zeca Baleiro, Lenine e Rita Ribeiro.

Para o diretor artístico do show, Glauber Amaral, "o objetivo é misturar a tradição dos ritmos regionais com a música feita pela nova geração." Cada músico apresentará repertório próprio e, no final, todos se juntam no palco. O Trio Nordestino abre a típica festa junina, com direito a pipoca, cantando sucessos de Luiz Gonzaga e de Jackson do Pandeiro.

Hoje apresentam-se a Banda de Pifanos de Caruaru, com 74 anos, o grupo mais antigo do Brasil e representante da festa mais tradicional do País. Em seguida, sobe ao palco a pernambucana Selma do Coco, que aos 63 anos foi a revelação do festival *Abril Pro Rock* de 1996. O maranhense Zeca Baleiro, grande vencedor do Prêmio Sharp de 1997, encerra a noite. Ele participa dos três dias de festa, apresentando canções de seu CD *Por Onde Andará Stephen Fry?*

No sábado, os shows se repetem e a também participa a maranhense Rita Ribeiro, que substitui Selma do Coco. Ela canta algumas experimentações que está fazendo para o próximo trabalho. "O grande destaque será meu encontro com o Zeca Baleiro e a Banda de Pifa-



Arquivo/AE

Monica Zarz



Selma do Coco (acima) e Rita Ribeiro, duas atrações do 'São João no Tom', que anirfim de semana na de shows da Vila (

Quem abre o último dia é Oswaldinho do Acordeon. Em seguida vem Lenine, com uma leitura eletrônica dos ritmos nordestinos. O artista estava até ontem no Japão, apresentando seu show-solo. Zeca Baleiro encerra a noite, mas a festa ainda continua com muito forró. **Carolina Juliano e Rita Norberto**

São João no Tom Brasil — Hoje e amanhã, às 21h; e domingo, às 20h. Ingressos: de R\$ 20 a R\$ 40. Tom Brasil (Rua das Olimpíadas, 66. Tel.: 820-2326).

CARNAVAL Ritmo típico do ciclo junino, o coco tornou-se febre nas ladeiras de Olinda, sobretudo na voz de dona Selma e o s

# Coco, nova mania na folia pernamb

FOTOS: VLÁDIA LIMA/UC

VERONICA ALMEIDA E VLÁDIA LIMA

Depois de dançar no passo do maracatu e do caboclinho, o pernambucano está descobrindo o coco em pleno Carnaval. Dança comum nos ciclos juninos, agora é sucesso nas ladeiras de Olinda e nos arrastões proporcionados pelos trios elétricos. A fama de "Pega, pega minha rola" - gravada com o título *Rollinha* por uma das coquistas da Cidade Patrimônio, dona Selma - coincidiu com a festa mais popular do Estado. A mistura com o frevo e outros gêneros carnavalescos agrada e populariza mais um ritmo antigo, que vinha esquecido pelas novas gerações.



"Sinto-me feliz quando ouço o povo cantando e dançando coco", diz dona Selma, 63 anos. O cantor Almir Rouche, que gravou *Rollinha* recentemente e canta o sucesso de cima do trio elétrico, lembra que o coco se assemelha ao frevo, pois pode ser dançado separadamente. "Há sincronia entre frevo, coco e até o maracatu", admite Almir, que

curtia todos esses ritmos desde a adolescência na cidade de Igarassu, outro reduto das danças tradicionais.

O diretor de Cultura de Olinda, Tiago Amorim, e o secretário de Turismo de Recife, Carlos Edua Pereira Cadoca, assistem à manifestação sem críticas. "A diversificação da folia de Pernambuco, que se abre a novos ritmos preserva suas raízes", diz Cadoca. Para Tiago Amorim, cantar o coco no Carnaval é algo natural, espremido numa fase em que a festa revela coisas do passado com novas roupagens.

José Ataíde, jornalista, compositor e pesquisador do Carnaval, conta que não é a primeira vez que o coco entra no Carnaval. Há três anos, os foliões das ladeiras de Olinda dançaram o ritmo tocado por um grupo holandês fora da folia, tem sempre a grupo cantando coco no Arraial do Bomfim. Ataíde não vê descaracterização da festa carnavalesca com a introdução de um ritmo até então típico das festas juninas. "É um

**Pernambuco  
invasão  
reaviva  
pop  
maraca**



VALDIR Dona Selma confiece, aos 63 anos, o sucesso. "Fico feliz quando ouço o povo dançando coco"

# Cultura popular de alma lavada

Mestre Ambrósio fez um show impecável; Mestre Salustiano, emocionante, e Dona Selma do Coco, carismática

LUIZ VIEIRA  
Edição Especial

FOTOS: ARNALDO CARVALHO/JC



de nomes visceral-  
dos ao movimento,  
do maracatu, forró,  
ano), coco (Selma e  
la ciranda (Lia de Ita-  
vidada de Aurinha).  
na mostrou pastoril  
s, em certos momen-  
orçada de bama para  
lico, que, inteligente,  
zir alma de figurino,  
senão de uma noite  
memorável. Pena que  
m público reduzido.  
Lucioly Albuquerque,  
Canta de um tudo, e,  
ts, acerta. Pule uma  
e a banda Rala Coco,  
ração, pontuou, com  
participação em Gara-  
ra de Dona Selma do  
lhou dez anos com a  
neguiu criar um estilo  
nais metálica, articulada  
elegante em cena).  
meiro CD (para setem-  
banda (que tem, entre  
ntes, Andreza Carla,  
a).  
sfeita, ainda deixou  
admiração por Selma



CARISMA E RAIZ Dona Selma do Coco fez o show mais feliz da noite, que teve na volta de Mestre Ambrósio ao FIG um outro grande momento

supresa que foi ver Lia de Itamaracá em cena. Altiva, irreverente, estava visivelmente emocionada com tamanha acolhida do público. Com sua postura de majestade africana (vaidosa, esmalte bicolor nas unhas), a Nina Simone de Itamaracá provocou rodas de ciranda na Praça Guadalajara com *Estava na Beira da Prata, Moça Namorada-deira e Janaina*. E ainda saiu, avisando que só ia embora na sexta. "Porque tenho encontro com muita gente", frisou, como que num recado de entidade nagô.

Mestre Salustiano, o próximo. 45 anos de maracatu. O mínimo que se pode dizer dele é que entende muito bem do que faz. Se Antonio Carlos Nóbrega já foi aula na sexta-feira, Salustiano é a própria escola. O mestre dos mestres mostrou o porquê de tanta gente se referir ao próprio como ra-  
Nascido em Aliança, na Zona da

os elementos mais genuínos da cultura popular e, partir de 95, reuniu tudo o que sabe no show *O Sonho da Rebeca*, batismo de Ariano Suassuna, outro fã confesso.

O show, além desse caráter afetivo, é muito bem-executado em sua espetacularidade: ótima luz, figurino de impacto (penas de pavão inclusas), roteiro preciso, músicos excelentes, bailarinos graciosos (números de coco, ciranda, frevo, maracatu, cavalo-mantido, forró pé-de-serra, mamulengo, aboio de vaquejada). Já está entre os melhores do festival.

Veio Mangaba (o ator e músico Walmir Chagas, caracterizado) e suas duas pastoras (afinadas, boas de palco) desfilaram um repertório referente ao pastoril profano. Apesar de uma boa qualidade técnica (musical, além de um desempenho sempre eficiente de Walmir Chagas), o espetáculo não emplacou. O



sangue por aquele tipo de trabalho, aliás que é o próprio sangue. Por isso, não funcionou. É claro que as intenções são legítimas e respeitáveis, mas a escalafão, naquela noite, não o favoreceu.

Aos gritos de "Selma, eu te amo" subiu Dona Selma do Coco, claro. Foi, sem dúvida, a atração mais esperada do programa, e isso ficou claro quando metade do público foi embora ao final de sua curta e intensa apresentação. Mais arrumada, não se importa com a fama (tardã, aos 63) e continua a mesma mulher simpática e simples de sempre. Prática, não esquece de lembrar aos que dizem que a amam ("também amo vocês" (sic)) que, por favor, comprem o CD, vendido na própria praça. O repertório, o público sabe de cor, com destaque para *A Rodagem*. Teve participação de um ve-  
do local e, de longe, foi o mais feliz dos shows.

\* E Selma do Coco, hein? Hilariante. Quando ia agradecer ao povo, esquecia nomes, dava a sua característica risada e deixa pra lá.

JORNAL DO COMMERCCIO

Recife, 22 de Julho de 1998 QUARTA-FEIRA

CADERNO C

JORNAL do Comércio

LUGAR OPINIÕES

DIVULGAÇÃO:

GABINETE DO VEREADOR  
MARCELO SANTA CRUZ - PT

# Selma do Coco

MARCELO SANTA CRUZ

**S**elma Ferreira da Silva, carinhosamente chamada *Selma do Coco*, nasceu na cidade de Vitória de Santo Antão, região da Zona da Mata de Pernambuco.

Aos 15 anos mudou-se com toda a família para Recife, passando a morar no bairro da Mustardinha, vindo, algum tempo depois, morar em Olinda, onde vive até hoje no bairro do Guadalupe.

A relação de dona Selma com a genuína cultura pernambucana vem desde de menina. Aprendeu a arte da dança do coco com seus avós e pais. A cultura popular é assim, o pai ensina para o filho, o filho para o neto, e assim ninguém esquece.

Aos 18 anos se casou, teve 14 filhos, dos quais só resta um: José Ferreira da Siva, que toca pandeiro e faz as vezes de produtor da arte de sua mãe.

Viuva há 37 anos, dona Selma tem sido o exemplo da mulher batalhadora. Com a morte do marido teve de se virar para garantir o sustento de sua família. Recebe um salário mínimo de pensão, deixado pelo marido.

Vive com três dos nove netos numa pequena casa cujo telhado corre o risco de

desabar. Mal consegue desenhar o nome, passa necessidade e sabe o que é fome. Mas não tem mágoas da vida. "Quando a gente nasce na pobreza, se acostuma com o sofrimento desde cedo".

Coquista — puxadora de coco — há mais de 30 anos, desde pequena que dona Selma convive com o coco-de-roda, essa dança cheia de encanto, canta sapateando e batendo palmas cadenciadas, próprias dos ritos de origem africana, mesclada com a nossa cultura indígena.

É essa originalidade musical e coreográfica, expressa nos passos do coco-de-roda, que fez da dona Selma Ferreira uma das pessoas conhecidas em Olinda, que hoje proporciona uma grande contribuição à nossa cidade, divulgando a nossa cultura no país e no exterior, fruto de seu trabalho criativo junto a sua família.

Há 16 anos dona Selma tem o seu grupo formado pelos netos, sobrinhos, uma amiga e seu único filho.

Sendo o coco-de-roda uma dança popular, os instrumentos musicais que compõem o conjunto são também muito simples, no entanto, dão um efeito contagiante. São eles: o pandeiro, uma tumbadora, um surdo e um ganzá.

Dona Selma diz ser muito difícil criar as músicas do coco, normalmente leva de dois a três meses para compor algo novo. Geralmente são músicas curtas e simples, que podem falar de um fato real, do sentimento ou de algo corriqueiro.

Dentre as músicas de maior sucesso destacam-se: Boa Noite; Agora foi que cheguei; Moreninha do Dente de Ouro;

Fui tomar banho; No Recife tive um caso; Vou pra Olinda; Itapissuma; Na praia mataram o peixe e, a mais aplaudida, Rolinha. Sucesso picante sempre solicitado nas rodas de coco.

É importante que se registre a admiração e o reconhecimento sobre a arte de dona Selma, através do testemunho de artistas consagrados, como os músicos do grupo Mestre Ambrósio, que têm o seu trabalho inspirado nas raízes de nossa cultura; bandas do movimento mangue beat, como Chico Science e Nação Zumbi; Antônio Nóbrega — o Tonheta, cultuado pelo grupo do Maracatu Nação Pernambuco, Cabra Alada e tantos outros.

"Com dona Selma parte do nosso arquivo cultural está salvo." Resume Gabriel, do Coração Tribal.

No Abril Pro Rock, teve sua consagração. Não fosse o trágico acidente que matou Chico Science, em fevereiro, dona Selma estaria presente no novo disco do artista e, possivelmente, o acompanharia numa turnê pela Europa.

**Uma originalidade musical e coreográfica caracteriza os passos do coco-de-roda**

Nesta oportunidade quero prestar uma homenagem ao nosso saudoso Chico Science, que em tão pouco tempo fez tanto pela nossa cultura — pessoas como o Chico, dona Selma, Mestre Salustiano e todos os anteriormente

citados merecem o nosso carinho e reconhecimento.

No disco Liberdade de Expressão, feito pela Secretaria de Justiça do Estado de Pernambuco, dona Selma defende a faixa **Rolinha**, como todos sabem, um dos seus grandes sucessos.

De sua última viagem pela Europa, trouxe em sua bagagem o CD **Coco-de-Roda** ao vivo de Pernambuco, organizado por **Tiago de Oliveira Pinto**.

Na realidade este CD estava sendo comercializado nas lojas da Alemanha, sem autorização e pagamento dos direitos autorais a dona Selma. Fato este descoberto pelo seu filho, Zezinho, que fazia parte do grupo e viajou na turnê pela Europa, adquirindo a "prova do crime" em uma loja chamada **Piranha**, por 32 marcos, cada CD.

**Selma** trouxe em sua bagagem 500 (quinhentas) cópias deste CD, acerto efetuado com o "produtor" que afirma haver gravado mil cópias.

Fatos como este temos que denunciar. A nossa cultura é fonte inesgotável de originalidade.

Dona Selma, a "Dama do Coco", como assim consagrou Chico Science, é um dos nossos exemplos de pessoa que, com energia, consegue animar e contagiar a alegria do coração da gente de sua terra e de outros cantos do mundo.

Viva a rainha do coco — a reconhecida Cidadã de Olinda.

• **Marcelo Santa Cruz** é vereador de Olinda - P.T.

# Na tradição do coco

Selma Ferreira da Silva vendia tapioca, queijo coalho, beiju e outros quitutes da culinária nordestina numa barraca instalada na Praça da Sé, em Olinda. Os fregueses, sobretudo turistas estrangeiros, já estavam acostumados a ouvi-la improvisar versos no ritmo popular do coco, enquanto ela os atendia com o maior bom humor que Deus lhe deu. O burburinho em torno de Selma do Coco - nome artístico que adotou desde aquela época, há 30 anos - desceu as ladeiras olindenses, ultrapassou fronteiras e ganhou os holofotes nacionais.

Hoje, a cantora pernambucana viaja de avião pelo Brasil todo, já se apresentou na Europa e coleciona uma legião de admiradores anônimos e famosos, em especial a nova geração de compositores pernambucanos, como Lenine e Otto. Alceu Valença, outro conterrâneo ilustre, há muito mencionava seu nome em canções. Selma do Coco passou a ser uma espécie de baluarte da cultura nordestina. "Quem me descobriu foi o povo", dá o crédito.

Com o estímulo dos amigos e de gente de olho no seu potencial artístico, a extrovertida senhora de 64 anos decidiu encarar profissionalmente a vida de artista. "Sempre achei muito bonito cantar", justifica ela, que desde menina era habituada a soltar a voz, aptidão herdada dos pais e avós. Para sua surpresa, certo dia a convidaram para se apresentar num Reveillon. "Coco em festa de fim de ano? Fiquei espantada", recorda. Depois vieram convites para se apresentar em outros palcos, para grandes platéias. A mídia começava a descobri-la.

Chico Science, amigo e incentivador, foi um dos que colocaram D. Selma na moda. "No dia seguinte em que ele morreu, fui internada com problemas de nervoso. O coração quase não agüentou, minha filha. Fiquei no hospital durante quatro dias, muito abalada", recorda. Foi

o mentor do *mangue beat* que a levou para o Festival Abril Pro Rock daquele ano. O evento deu-lhe visibilidade popular e de mídia. "Meu nome foi estampado em tudo quanto é jornal", vibra.

Simplicidade à flor da pele, a artista revela sem rodeios que "mal sabe escrever o seu nome" e que nada lê. "Não tenho estudo nenhum, tudo que sei foi a vida que me ensinou", diz. Despachada, ela logo muda de assunto para informar que sua popularidade em terras pernambucanas é crescente. "O povo quer que eu me candidate, mas eu não quero", garante.

**Fama tardia** - De uns cinco anos para cá, sua vida mudou e muito. A fama lhe proporcionou uma vida mais confortável, junto ao seu único filho vivo, seu empresário José Ferreira Filho. "Morava numa casinha velha de tijolos, não era suficiente para eu me orgulhar", conta. Além de poder ter transformado o casebre numa moradia "decente", adquiriu dois ônibus para suas turnês pela região e três automóveis de passeio. "Também ganhei um público que me admira e me trata muito bem", ressalta.

Mas ser famoso tem seu lado ruim, como faz questão de apontar D. Selma: "A gente fica muito perseguido, fica com medo de seqüestro. Não sou rica, mas basta ser artista, sair na tevê, para os bandidos acharem que a gente tem muito dinheiro", diz, revelando que está sempre com seguranças no seu encalce.

Cantando em ritmo do coco, D. Selma corre mundo, acompanhada de uma banda meio familiar. "Eu sou querida, respeitada. Isso me dá muito orgulho", vangloria-se, soltando uma gargalhada, sua marca registrada. Já registrou quatro CDs (gravados na Alemanha e na Bélgica) e participou de três coletâneas. Com a música *Minha história*, ganhou o Prêmio Sharp/99. Através de seu trabalho, Selma do Coco vem preservando e recriando um dos gêneros musicais mais expressivos da região, o coco de roda.

## Vida transgressora

Quando menina, Selma do Coco vivia cantando, sem se dar conta que sua conduta de vida em nada se assemelhava com a das garotas de sua época. Transgressora, desde cedo caiu na farra, tomando gosto pela bebida e pelo cigarro. "Eu era doídal", conta a artista pernambucana. Órfã de pai e mãe, aos 18 anos se casou com um viajante, que, de certa forma, tolhia a sua liberdade. Hoje, D. Selma só quer saber de cantar. Largou a be-

bida e o fumo. Recatada e sem marido, só sai de casa para cumprir o ofício.

A afinidade musical foi despertada aos 10 anos, quando acompanhava seus pais, na véspera de São João, que iam cantar na roça. "Nesse tempo, eu já bebia escondido", revela, ressaltando que há quatro anos não coloca uma gota de álcool na boca. Nascida em Vitória de Sant'antão, D. Selma nunca imaginou que um dia seria conhecida nacio-

nalmente e que se tornaria cidadã olindense (título concedido a ela em 97, pela Câmara Municipal).

Hoje, alçada ao ofício de artista, a vaidosa Selma do Coco procura fazer o melhor para se mostrar ao seu público. Em sua *necessaire*, não abre mão de laquê, batom vermelho, pó compacto e uma lavanda suave ("pra não ficar fedendo a macaco"). "Nos meus shows, eu mesmo me emperiquito", expõe sua simplicidade.

PERNAMBUCO

## Dona Selma é aclamada no Sul do País

Uma das maiores revelações da música pernambucana dos últimos anos, Selma do Coco começa a se consolidar como um sucesso, também, a nível nacional. Após um giro por vários estados do Brasil e pela Europa, no ano passado, quando se apresentou no Festival Internacional de Música, no Festival de Inverno de Garanhuns e gravou dois novos CDs, a cantora vem encantando as platéias das principais casas de show do Sudeste do País.

Aproveitando os festejos juninos para continuar o giro, começado em Brasília, no início do ano, Selma apresentou-se em São Paulo e no Rio de Janeiro. Na capital paulista, onde já havia sido aclamada pelo pú-



Clemilson Campos

### A coquista se exibiu no Domingão do Faustão

blico por sua participação no Babel (Festival Internacional de Música) e no projeto Mangue em Movimento,

Selma tocou no *Tom Brasil*, com a Banda de Pifanos de Caruaru e Zeca Baleiro, confirmando a boa impressão

deixada anteriormente.

No Rio, a expectativa era maior, já que estreava seu show na cidade. A cantora foi capa dos cadernos de cultura dos jornais *O Globo* e *Jornal do Brasil* destaque na programação cultural do final de semana. O show, marcado para o Ballroom, casa de shows da zona sul carioca, foi um sucesso.

No entanto, o momento histórico da sua carreira foi mesmo a apresentação que fez, domingo passado, no *Domingão do Faustão*. Com ela, Selma mostrou que tem carisma suficiente para, apesar dos 63 de idade, continuar abrindo espaços para a cultura pernambucana no cenário cultural brasileiro.

# Pernambuco em Concerto no Pina de Copacabana

Clemilson Campos



**Selma do Coco será uma das atrações do Concerto**

Com as imagens do festival *Pernambuco em Concerto*, que reuniu cerca de 10 mil pessoas em torno de 12 bandas locais, nos dias 15 e 16 de janeiro passado, a África Produções lança um vídeo homônimo, hoje, às 22h. O evento acontece no Pina de Copacabana, Rua da Moeda, Recife Antigo, com shows das bandas Fethxa e Batuque. As imagens dos grupos participantes serão exibidas em várias partes do Brasil e está sendo distribuído para produtores, empresários e secretarias de cultura de todo o País.

O projeto *Pernambuco em Concerto*, patrocinado pela lei de incentivo a cultura, prevê a apresentação do documentário em emissoras locais e nacionais, como a TV Jornal e a TV Cultura, além de TVs a cabo. No caso do lançamento, no Pina de Copacabana, um telão será colocado na Rua da Moeda. O vídeo foi produzido pela TV Viva, uma produtora de vídeo pernambucana que sempre investiu na cultura local.

O vídeo tape (VT) tem duração de 55 minutos e, entrecortado por vinhetas e entrevistas, mostra um pouco de cada show apresentado nos dois dias do evento. Um diferencial no vídeo, segundo Didier Berthran (TV Viva), é o fato de cada banda apresentar outro grupo. Participam do projeto Selma do Coco, Maracatu Estrela Brillante, Chão e Chinelito, Batuque, Terezinha do Acordeon, Zabumba de Virgulino, Capitão Severo, Severinos Atômicos, Inham Jam, Mira Negra, General Frank e Via Sat. Cada um receberá cópia do vídeo produzido com os apoios da Prefeitura do Recife e do Ministério da Cultura.

## LANÇAMENTO DO VÍDEO PERNAMBUCO EM CONCERTO

Performances com Fethxa e com o Batuque

Hoje, 23 de abril, às 22h

Pina de Copacabana, Rua da Moeda, Recife Antigo.